

VIDA  
MUNDIAL



ANO VII - 230  
11 DE OUTUBRO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1\$80

# ILUSTRAÇÃO DA



*A verdade  
sobre Beatriz Costa*

(VER REPORTAGEM  
NRA PAG. 20 E 21)

**6** RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.  
(VER O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO NA PAG. 5)

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR:  
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
EDITORIA, LIMITADA

**PRIMEIRA COLUNA**

**Inverno  
e  
Primavera**

**A** Primavera da Paz, que lançou, medrosamente, sobre a terra os primeiros raios dum sol anémico, que pouco ilumina e quasi nem aquece, veio encontrar o mundo em pleno inverno. Inverno que vai ser mais rigoroso e implacável nas terras que a guerra e a fome marcaram com o estigma da desdita, bem precisariam elas—che-gasse o Verão acolhedor, de sol forte e searas douradas, onde houvesse pão e alegria para todos.

Mas a Paz veio encontrar o mundo em pleno Inverno. E o frio não vai ser menos forte por condoer-se dos que não têm agasalhos nem lar. E as chuvas e a neve vão cobrir com seu manto gelado as terras onde a lareira se apagou e a alegria se extinguiu, como braza prestes a ser cinza...

Pior para os que não podem ter a espe-rança de que a caridade dos vencedores, por grande que seja, possa chegar para todos. Pior para os que mais nada têm a esperar que a bondade dos homens. Pior para aqueles que, saídos do tempo-ral da guerra, vêm encontrar o mundo em pleno Inverno, um Inverno que a Primavera da Paz não consegue trans-formar...

**CARMEN AMAYA**  
**A BAILARINA CIGANA**  
**QUE JÁ GANHOU SEIS**  
**MILHÕES DE PESETAS,**  
**TEVE UM DESASTRE!**

1 público português deve lembrar-se dela. Trabalhou em Lisboa, na Empresa Lopo Lauer, de que Maria das Neves era a vedeta.

Tornou-se logo um êxito a volúpia quente dos seus ballados, onde perpassava, coleante, toda a ardência da fascinan-te Andaluzia.

Bailarina castiça, de olhos assombreados do sol forte das Espanhas, ela erguia, num sonho de extante beleza, toda essa arte que Falla, Granados, tanto amaram—interpretando-os com o colorido vivo das suas atitudes...

Dos seus êxitos compartilhavam o seu pai e os dois irmãos, que a acompanhavam nas violas, que só dedos nervosos e inspi-rados sabem dedilhar, criando, depois dum arrebatamento, a lânguida suavidade que é o êxtase.

De Lisboa, a bailarina cigana partiu, como nômade, por esse mundo, à procura da fortuna e da ovacões das platéias.

Em Madrid é aclamada como ídolo da dança. Mas todo o sonho é limitado dentro daquelas fronteiras—e ela quer, ambiciosa mais qualquer coisa.

Percorre a ruidosa América do Norte—obrigando aquêle «arsenal de celebridades» a reparar nela—ela, bailarina cigana de olhos acesos de veúpia. E os êxitos foram retumbantes.

Ficou milionária. Calcula-se que tenha ganho, entre o «cabaret» e o cinema, mais de seis milhões de pesetas!

Hollywood abriu-lhe as portas. Junto de Nelson Eddy e Jeanette Mac Donald fez um filme. Só esse rendeu-lhe quasi um milhão de pesetas!

Carmen Amaya, que já tinha trabalhado em películas espanholas, como a «Maria do Ó», está agora por casar com o seu violo, o exímio Sabica—que é um caso extraordinário a dedilhar a viola.

Ora os jornais publicaram um telegrama—por onde se pode ver o êxito de Carmen—em que se dita que a grande bailarina cigana tinha tido um acidente, durante um ensaio, e que o teatro onde ela actuava, Avenida, de Buenos Aires, se viu obrigado a encerrar, enquanto a artista guardasse o leito, perdendo milha-res e milhares de péso.

Poi o caso que no ensaio as «Estampas Andaluzas», devido à sua «arte explosiva»—o termo é ameri-can—Carmen torceu um pé. Felizmente, que o caso teve menor gravidade do que ao princípio se julgou—e umas horas continuas de massagens e tratamentos acabaram por dar agilidade ao pé—e que pé—é extraordinária bailarina.

O tocador de guitarra Juan, «El Peloso»—tito de Carmen—contou a um jornalista a extraordinária aventura de sua sobrinha, quando pensou em ir à América do Norte. Para onde vai Carmen, a família não panha. Não a querem deixar só pelo mundo. Ao todo, são vinte parentes. Em 1938 chegaram a Buenos Aires e têm logo contratos para os melhores cabarets.

Um dia chega um fabuloso contrato para Nova-York—e aí vão os vinte membros da família. Mas o dinheiro, a meio da viagem, acabou-se—e, se não fosse a decisão de Carmen, que vendeu todas as jóias, aque-

(Continua na página 16)



Carmen no filme «Maria do Ó»



A grande bailarina, dançando no palco do Teatro Maria Vitória, acompanhada por seu pai e irmãos.



A missão brasileira para o acôrdo ortográfico com o nosso país visitando a Assembléa Nacional



A senhora Emboatriz do Brasil, com os membros da Comissão Ortográfica e com o illustre presidente das Associações da Colónia portuguez no Rio de Janeiro, sr. Albino de Sousa Cruz, no Museu da Assembléa Nacional.

# \* PANORAMA \*



Estas duas raparigas americanas, passam o fim de semana numa casa de campo onde se bastam a si próprias. Nada de criadas nem de criadinhos, nem de vaidades! — elas fazem todo o arranjo de casa, e ainda consertam e pintam a sua casa de madeira.



## PORTUGAL

Emília de Sousa Costa, escritora de notável sensibilidade, que tem, principalmente às senhoras e às crianças, oferecido livros de rara beleza espiritual, acaba de publicar «A mulher educadora», mais uma pedra para a sua obra magnífica. Na foto, vemos a escritora com suas netas — alectria da sua vida.

## INGLATERRA

A princesa Elisabeth é popular no seu país pela sua especial ternura para com as crianças. Aqui a vemos acarinhando uma criança pobre, numa das suas muitas visitas pelos bairros londrinos.



## BÉLGICA

O regente da Bélgica, que esteve de visita, incógnito, ao nosso país, e cuja viagem foi rodeada das maiores reservas. O Infante Carlos, duque da Flandres, foi designado para a regência da Bélgica numa hora excepcionalmente grave para o seu país.

## AMÉRICA

O sargento Truman, apesar de filho do Presidente, também foi à guerra e combateu nas primeiras linhas. Mas a guerra terminou, e, apesar da América ainda ter vários exércitos na Europa, o sargento Truman já passava, sorridente, pelos jardins da Casa Branca.



Elo e êle, ambos guerrilheiros jugoslavos que se bateram bem contra os inimigos do seu país, trocam cigarros e relatam as suas aventuras, quando, sob os ordens do marechal Tito, combateram os nazis. Agora, encontram-se num campo de repouso dos Aliados, na Itália, onde recuperam forças...

Aqui as vemos lavando os vidros, apanhando rãs para o seu almoço e pintando as paredes da barraca. O pior é que, pela sua nenhuma prática de pintura, ficam, elas próprias, mais pintadas do que as paredes!...



O sr. Ministro da Educação Nacional, Prof. Coeiro do Mato, no acto da condecoração dos académicos brasileiros, abraçando o filólogo Sá Nunes



Um dos casais nortenhos que vieram à capital, ao convite da Casa do Distrito do Porto

# AMOR, CASAMENTOS E DIVÓRCIOS EM HOLLYWOOD

**S**é há lugar no mundo onde Cupido tenha que fazer, esse lugar é Hollywood. Não pára de desfechar setas, ora sobre este, ora sobre aquela — e o amor está sempre na ordem do dia, nessa cidade fantástica para onde convergem as atenções do mundo.

Se o amor é fogo que arde sem se ver, a verdade também é que mal se extinguem as labaredas, o fumo começa a subir até atingir a sua expressão máxima, no divórcio. Então o que era ténuis, avoluma-se e o amor desfaz-se em penedos e negros rólots de fumaceira perante a face impávida de um juiz, que remediada, em sentença sumária, o equívoco sentimental, que levou o parzinho a subir ao altar... Mas logo que o tempo passa, as cinzas das corações começam a desaparecer e deles nasce novamente esse fluido impalpável, que leva os desfeitos a tentar novas experiências...

Hollywood, neste momento, está presa de três romances de amor: Turhan Bey-Lana Turner, Bob Walker-Florence Pritchett e Humphrey Bogart-Lauren Bacall.

O caso de Lana Turner é o mais sensacional. A ex-mulher de Artie Shaw tornou-se proeminente na crônica sentimental da Cinelândia, desde que o tribunal decretou o seu terceiro divórcio. Lana vestiu-se de negro e passou melancólica pelas áreas românticas da sua moradia silenciosa. Disseram-na noiva sucessivamente de quâs todos os galãs solteiros da colônia cinematográfica. Mas só um nome prevaleceu: Turhan Bey, que vimos ao lado de Maria Montez em «Ali-Babá e os 40 Ladrões» e que vamos rever esta época em vários papéis de relíquo. Lana Turner e Turhan Bey parece finalmente que vão casar-se. A «triste divorciada» já sorri. E Turhan não esconde a sua alegria: Lana é hoje, depois de Jean Harlow, a mulher de físico mais perturbador que apareceu na Cinelândia.

Outro romance: Bob Walker-«Fios Pritchett». O leitor não conhece estes nomes. E em boa verdade o «sensacionalismo» de que o enlace se reveste é indireto. Bob foi, com efeito, o primeiro marido de Jennifer Jones, a famosa intérprete de «O Canto de Bernardette». Jennifer vivia satisfeita na sua modestia até a glória a bafear. O «prêmio da Academia» foi, por assim dizer, a coroação de tal notoriedade. E desde que um lar, a mulher é célebre e o marido se limita a ser, perante a sociedade, uma figura apagada, as dissensões são inevitáveis. O processo do divórcio Jennifer Jones-Bob Walker ainda não foi julgado.

Mas o resultado não deixa dúvidas. E amanhã cada um seguirá o seu caminho. Bob declarou que não mais se casaria. E ainda o eco destas palavras se não extinguiu, eis que entala o seu romance com a lindíssima «Fios».

As últimas notícias são estas: logo que o divórcio foi decretado, Bob Walker desposará Florence Pritchett.

E, finalmente, o terceiro romance: Humphrey Bogart-Lauren Bacall. Casados há poucos meses, estão em plena lua de mel. Uma grande firma produtora quis reuni-los, de novo, no mesmo filme, tal como aconteceu em «To have and have not», onde o namorado começou. Mas «Bogies» e Lauren opuseram-se. E de mau agouro para dois conjuges interpretarem, na tela, depois de casados, cenas de amor. Este romance fecha com esta nota:

plena de doçura: a lua de mel continua...



Acham que esta imagem pode deixar dúvidas? Turhan Bey e Lana Turner estão apaixonados. E, segundo parece, o valer.



Aqui têm os dois noivos: Bob Walker e Florence Pritchett. Bob diz que Jennifer, que foi no telo angelical e doce — era, no vida privado, um demônio. «Fios» é, no cinema, uma mulher perversa que arrasta os homens para a perdição. Talvez, na vida real, seja o contrário...



O «la Rue» é o mais célebre «cabarete» de Nova-York. Foi aí que o fotógrafo surpreendeu os dois intérpretes de «Passage to Marseille» em muda e recíproca contemplação, como se os olhos fossem o bastante para continuar as doçes promessas duma lua de mel feliz.



Esta é Virginia Bruce, que foi mulher do malogrado galã John Gilbert, e que hoje está casada com o realizador cinematográfico J. Walter Ruben. Depois de um longo afastamento dos estúdios anuncia-se o próximo regresso da que foi uma das mais elegantes artistas de Hollywood. Este foto mostra-nos que, fisicamente, Virginia Bruce ainda está em «forma»...



A «Polly» está cada vez mais bonita. Mas os filmes da «família Hardy» parecem ter acabado. Mickey Rooney perdeu, assim, a sua namorada «atrilhada». E temos a sensação de que Ann Rutherford ficou desempregada... Mas a sua beleza sem complicações, o seu tipo de «burgesinha 1945» garantem-lhe sempre um lugar: o de namorada de qualquer latitude, pois todos nós encontramos no vida, no praia ou no campo, no Chiodo ou na loja de modas, uma rapariga que se parece espiritualmente com esta «Polly», singela e simpática...



Em Portugal, os «fan clubs» não existem. Mas na América são instituições simpáticas e prestiosas. Em redor do nome duma estrela agrupam-se quantos o admiram. E, depois, sob sua invocação e protecção, realizam-se festas elegantes e levam-se a cabo obras magnificas de filantropia. June Allyson «visita», há dias, o seu «fan club», em Nova-York. E a Presidente do simpática assemblagem, a Gwen Littlefield, que figura ao lado da vedete, entregou-lhe a magnifica taça de prata, preto de admiração e apêto de todos os rapazes e raparigas que co-sultam o mais decidido falange oficial do seu público.



**ARTISTAS  
PORTUGUESES  
EM ESPANHA**

Júlia Logos, actriz espanhola, faz uma moçoagem médica a Barreto Peiro. O simpático artista não parece muito entusiasmado. Porquê? Sabê-lo-emos quando se exhibir, entre nós, «O Diabo são Eles»...

## PROBLEMAS DA PRODUÇÃO

**E** a matéria de produção de filmes as coisas, cá por Portugal, não vão bem. Factos recentes conoem para tornar fundada esta declaração, aparentemente pessimista. E se nos dispensamos de os enumerar, não é certamente porque nos faltem elementos para tanto... Entre nós, a produção de filmes é feita em moles especiais. Em boa verdade, não há firmas produtoras, com um plano que abraça um grupo de películas, a realizar, em prazo fixado. A indústria vive dos produtores independentes, que alugam o estúdio para produzir determinado filme. E esse filme constitui, assim, o único elemento industrial da sociedade que para a sua feitura se organiza. A sorte da empresa fica ligada ao êxito do mesmo, melhor diríamos à margem do rendimento que possa obter na exibição. Se as receitas cobrirem o custo — há lucro. Caso contrário — é o descalabro. E compreende-se, desta forma, que certos produtores se hajam quedado na primeira experiência levada a efeito...

Nada mais difícil do que prever o agrado de um espectáculo. David O'Sullivan, nas vésperas da estreia de «E Tudo o Vento Levou», declarava que o seu filme lhe parecia magnífico, às nove horas da manhã; ao meio-dia, achava-o simplesmente passável. À noite, considerava-o detestável. Quer dizer: nos domínios do espectáculo não são possíveis os juízos de Cassandra. É claro que uma pessoa experiente, habituada a longo contacto com o público, sabe que há temas condenados de antemão e que outros reúnem probabilidades de o interessar. E tudo isto admitindo as excepções que justificam as regras.

A impossibilidade de «fabricar» o êxito, a dificuldade de dar ao público aquilo que o público quer, torna, só por si, extraordinariamente fátido o negócio do espectáculo, quando assenta sobre um único empreendimento. Outro tanto não sucede quando dita série se trata, pois a falha de um ou dois é compensada, com maior ou menor margem, pelo êxito dos restantes — e a média final é que interessa. Assim, numa temporada teatral, uma só peça, que «acertou», pode cobrir os prejuízos de toda a época e salvar um negócio que é primeira vista se afigurava comprometido.

Ora o nosso cinema vive, como dissemos, do esforço de empresas, cuja razão de existência, por via de regra, assenta sobre um único filme. Das condições precárias da sua existência e desenvolvimento.

Se não é fácil, de pé para o chão, mudar os dados do problema, afugonanos que se deveria porfiar em estudar industrial e comercialmente cada empreendimento, de forma a defendê-lo, tanto quanto possível, das surpresas e azarres que pesam sobre a produção. Por outras palavras: produzir, sim, mas com a consciência plena das responsabilidades da empresa, com a noção das possibilidades do mercado e do meio e que se destina. A realidade com que, entre nós, se encaram estas realidades, não é de molde a facilitar a solução dos mil e um problemas do cinema nacional. Os filmes vão para o estúdio com a preparação por fazer — e muitas vezes sem dispor dos capitais imprescindíveis para chegar ao fim. Depois, vêm as paragens, as reorganizações, a entrada de novos sócios, o aparecimento dos salvadores. O que deveria custar cem, passa a custar mil. E tudo porque o filme não foi estudado convenientemente, sem sequer sob o aspecto positivo da organização encarregada de assegurar a sua feitura.

É claro que há excepções. Mas as que deixamos dito tem a sua actualidade. Se esta ainda não quebrar, não sabemos o que acontecerá ao cinema português.

FERNANDO FRAGOSO



# SEIS RAPARIGAS ENGRAÇADAS PRECISAM-SE

**D**ENTRO de poucos dias serão conhecidos os nomes das nossas leitoras escolhidas para o filme «Matinée às 4», produção da «Atlante-Filmes».

As concorrentes de Lisboa serão todas convocadas directamente, e, na impossibilidade de chamar a Lisboa todas as concorrentes da provincia, estas serão sujeitas a uma selecção fotografica, sendo os presentes ao júri aquelas que, pela fotografia e dados enviados no «coupon» tenham mais probabilidades de servir à indole dos papéis.

Falta, pois, pouco tempo para a reunião do júri e escolha das concorrentes que vão permitir a «Vida Mundial Ilustrada» apresentar, no novo filme português, um gentil friso de raparigas, suas leitoras.

Hoje publicamos as fotografias das seguintes concorrentes: Maria Manuela Ramos dos Santos, Zélie Mendes, Maria da Conceição de Carvalho, Fernanda Belém de Souza, Elisca Maria Anselmo, Odete Montenegro, Bernardete de Sousa Filipe, Maria da Piedade Bernardo, Maria Antunes, Maria Antónia Albuquerque, Diogo, Carolina Baptista Fradinho, Elsa de Sousa Freitas, Marina Pinto de Abreu, Maria do Nascimento Luz, Adelina Fernandes de Carvalho, Maria de Lourdes Rodrigues Ferreira, Zalmira Mota, Natália Ribeiro, Lúcia Mateus, Virginia Martins, e Maria do Carmo Fernandes.



# Aos bastidores da rendição da Itália

I

## Como foi preparado, em Lisboa, o Armistício Italo-Inglo-Americano

Por JOSÉ CORREIA RIBEIRO



Uma reunião dos chefes anglo-americanos no manhã da queda de Mussolini — de frente, Eisenhower, Tedder, Alexander e Cunningham; no segundo plano, Mac Millan, general Smith, comodoro Dick e vice-marechal do Ar, Wigglesworth.

relato, até hoje ignorado, pelo menos, em Portugal, das condições em que a Itália se rendeu aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha, após o colapso de Mussolini e do regime fascista, foi publicado por David Brown, um dos «ases» do jornalismo norte-americano e correspondente da Agência Reuter junto do 5.º Exército americano durante a campanha da Itália, há mais de um ano.

Não deixa de nos causar admiração este facto, tanto mais que, tendo uma grande parte dos acontecimentos ocorrido em Portugal, éste que, naturalmente, mais do que qualquer outro interessará o público português, não foi reproduzido, segundo julgamos, em nenhuma das nossas publicações.

Conta Martin Sommers, um dos muitos comentaristas da revista «Sunday Evening Post», que, estando uma noite em Londres à espera de ordens para seguir para Cherbourg, os alemães retiraram as bombas e a artilharia capital britânica com as suas famigeradas bombas-voadoras, e como lhe fôsse totalmente impossível conciliar o sono perante isto má vizinhança, dirigiu-se para a redacção da «Press Wireless» e pegou, ao acaso, num livro abandonado sobre uma das secretárias.

Esse volume intitulava-se: «Para o alimpo não há «spaghetti», e continha uma série de crónicas escritas pelos correspondentes de guerra Alfred Wagg e David Brown.

Confessa ainda Sommers que, se não fossem as bombas-voadoras, os primeiros capítulos do livro terão sido, com certeza, adormecer. Porém, quando chegou aos capítulos assinados por David Brown, Martin Sommers deu um salto na cadeira ao reconhecer que naquelas páginas estava a descrição completa e autêntica dos acontecimentos que culminaram com a rendição da Itália à rendição.

Sommers manda a redacção que acontecimentos de tão grande importância histórica tivessem sido enterneados no meio de um livro publicado exclusivamente em Inglaterra e, por isso, transcreveu-os e publicou-os nos Estados Unidos, o que, praticamente significou a sua divulgação ao mundo inteiro.

### AS PRIMEIRAS NEGOCIAÇÕES

O comunicado de 8 de Setembro de 1943, em que se anunciava o afastamento da Itália da guerra, foi publicado quarenta e cinco dias depois do golpe de Estado contra o «Duce». Porém, as condições da rendição tinham sido assinadas, pelos Italianos, cinco dias antes, na Sicília. E as negociações que culminaram com a rendição da Itália tinham sido iniciadas três semanas antes, a dezasseis de Agosto, em Lisboa.

Foi na capital portuguesa, que um aposento cuidadosamente fechado da casa do embaixador britânico, dois emissários aliados e dois emissários Italianos se sentaram em torno duma pequena mesa, durante uma noite inteira, para discutir as condições que a Itália depois aceitava.

O primeiro anúncio do armistício foi feito pelo general Eisenhower por intermédio do embaixador das Nações Unidas de Argel à seis horas e meia da tarde do dia 8 de Setembro, conforme se combinara.

De início, fôve também secretamente combinado que o marechal Badoglio deveria fazer uma retransmissão semelhante, precisamente à mesma hora. Todavia, Badoglio só falou uma hora depois do general americano.

Entretanto, com um assalto preparado contra o fortemente defendido Heraldo Italiano, Eisenhower viveu uma das mais longas horas da sua vida militar à espera da comunicação de Badoglio, tanto mais que o marechal italiano esteve prestes a não fazer a retransmissão...

As primeiras sondagens de paz dos Italianos foram feitas em Madrid em meados de Agosto. O governo de Badoglio tinha a intenção, logo que se constituiu, de se afastar da guerra ou, pelo menos, da aliança com a Alemanha.

A primeira tentativa, segundo mais tarde descreveu Winston Churchill na Câmara dos Comuns, foi realizada por um general Italiano que se avisou com o embaixador em Madrid, «Sir Samuel Hoare, o qual apresentou credenciais que provavam ter total aprovação do marechal Badoglio.

Segundo prometia, quando os Aliados desembarcassem em Itália, o governo Italiano estava pronto a juntar-se-lhes contra a Alemanha.

O enviado Italiano e um seu companheiro foram enviados para Lisboa. Enquanto isso, o general Eisenhower recebia instruções para enviar dois dos seus oficiais do Estado-Maior — um americano e outro britânico — para estabelecer contacto com eles e apresentar as condições aliadas.

Estas instruções foram enviadas directamente pelo então Primeiro-Ministro Churchill e pelo Presidente Roosevelt, nessa altura reunidos em Quebec. Estas «dêmonarches» tinham a plena aprovação dos gabinetes de guerra e do governo de Moscovo.

Os dois Italianos chegaram a Lisboa sem que ninguém soubesse. Envergavam trajos civis e hospedaram-se numa casa particular em vez de num hotel. Eram eles o briga-

dello-general Giuseppe Castellano, membro do Estado-Maior do general Vittorio Ambrosio, chefe do Estado-Maior general Italiano, e Franco Montanari, adido diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano, formado pela Universidade de Harvard no curso de 1927.

A mãe de Montanari era americana. Ela e o irmão e a irmã do diplomata viviam na cidade americana de Vermont. Deste modo, a personalidade agradável e anglo-saxónica de Montanari tornou-o o intérprete ideal que havia de acompanhar Castellano, o principal negociador da paz.

O pedido de paz da Itália foi considerado, desde o princípio, um assunto estritamente militar. Caso devesse as armas, segundo as condições de Eisenhower, a Itália reconhecer-se-ia derrotada devido a derrotas militares e não a negociações políticas.

Todos os exércitos, esquadras e territórios ficariam sob o controlo aliado. Para verificar a completa aceitação destas medidas, o general Eisenhower escolheu para seus representantes o norte-americano tenente-general Walter Bedell-Smith e o britânico brigadeiro Kenneth W. D. Strong.

O sigillo era, naturalmente, um factor de primordial importância. Nessa altura, a Gestapo tinha bons agentes em Lisboa e a portada era indispensável que nada transpirasse e viesse a ser conhecido pelos alemães. Estes exerciam controlo quasi total na Itália e dispunham ali de poderosos contingentes militares.

Na manhã de 18 de Agosto, o general Smith e o brigadeiro Strong chegaram na casa do Encarregado de Negócios americano, George Frost Kennan, em casa de quem ficaram durante o tempo que estiveram em Lisboa.

Kennan, que era diplomata de carreira, estivera em Berlim até ao rompimento das hostilidades e conhecia bem os alemães. Castellano e Montanari, entretanto, também já tinham chegado a Lisboa e estabele-

ceu-se contacto entre as duas missões por intermédio de Kennan e do embaixador britânico, «Sir Ronald Campbell».

Os membros da missão aliada tomaram uma importante precaução para ter a certeza de que estavam a negociar com representantes devidamente autorizados do governo de Badoglio, e não simplesmente com qualquer pequena facção descontente italiana.

O ministro britânico do Vaticano fôra avisado pelo telegrafo e, entrando em directo contacto com o governo Italiano, recebera a garantia da validade das intenções de Castellano e Montanari. E para não haver a mais pequena dúvida, o marechal Badoglio depositou nas mãos do ministro britânico do Vaticano uma declaração assinada na qual afirmava que Castellano era seu representante acreditado.

Deste modo, todas as condições eram favoráveis à boa condução da «dêmonarche». O único perigo, que persistia, era a espionagem. Os alemães, manifestamente, não estavam em Lisboa a dormir...

### O PRIMEIRO ENCONTRO

Max, os dois delegados Italianos tinham vindo ostensivamente numa missão diplomática legítima — encontrar e com o embaixador Italiano em Lisboa, que estava prestes a desembarcar em Lisboa.

Nessa mesma ocasião, estava uma delegação de diplomatas Italianos, que estava em Portugal numa missão totalmente diferente. Porém, foi esta delegação que, imediatamente, chamou a atenção dos correspondentes dos jornais estrangeiros, os quais comunicaram para as respectivas redacções que a tal delegação tinha encarregado de pedir a paz.

Assim, os relatos sobre tentativas de negociação da paz, por parte da Itália, principiaram a circular na imprensa mundial. Talvez fosse por isto mesmo

(Continua na página 161)



David Brown, correspondente do «Reuters», que foi o primeiro jornalista a publicar o relato das negociações italo-anglo-americanas.



«Sir Samuel Hoare, embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, com quem os emissários Italianos primeiro estabeleceram contacto.

«Sir Ronald Campbell, que tomou parte nas negociações em casa de quem se reuniram os delegados durante o sua estadia em Lisboa.

# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXVIII

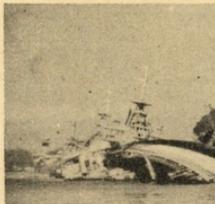
## O DRAMA DE TOULON

**A** ordem de ocupação de Toulon era assim anunciada no final da carta que o Filher dirigiu ao marechal Pétain:

«Depois de ter conhecimento das novas finanças a compromissos solenemente tomados sob palavra de honra, por parte de generais e almirantes e outros oficiais de mais alta categoria, tomados sob palavra de honra, os quais tinham a intenção de abrir aos anglo-americanos as portas da metrópole como já lhes haviam aberto as portas de Norte de Africa, dei ordem para se proceder imediatamente à ocupação de Toulon e para impedir por todos os meios, que os navios de guerra que ali se encontravam se fizessem ao mar ou que os destruíssem. A resistência ao cumprimento destas determinações será por minha ordem, reprimida com a maior violência, no caso disso se tornar necessário.»

Assim, decorridas duas semanas sobre a garantia dada à França e a Pétain de que o porto de Toulon não seria ocupado, e que a esquadra continuaria inteiramente sob a autoridade dos seus oficiais, o governo alemão determinava o contrário, sem invocar outras razões que «não fossem as de pretensas faltas a compromissos assumidos por alguns desses oficiais. Nessa mesma noite, foi ordenada a desmobilização geral de todas as forças armadas francesas, a qual começou imediatamente a ser cumprida com excepção da esquadra que se a recebesse, e recusaria naturalmente a obedecer como pretendiam os alemães.»

Em vez de se prepararem para cumprir a ordem de desmobilização, os oficiais e marinheiros da esquadra francesa ultimaram os preparativos para o afundamento de todas as suas unidades e prepararam-se para executar a ordem de afundamento, logo que, como tudo fazia prever, os alemães tentassem penetrar na área do porto. As últimas horas de vida da esquadra, que fôra uma das grandes realizações militares da Terceira República, foram vividas febrilmente e uma expectativa ansiosa, dentro e fora da França, sobretudo, nos meios directamente afectados pela possibilidade de que ela viesse a ser utilizada pelos alemães.



O «Strasbourg», junto dum cruzador afundado no porto de Toulon

#### AS 3 DA MADRUGADA DO DIA 27 DE NOVEMBRO OS ALEMÃES PENETRARAM NA ÁREA DO PORTO DE TOULON

As 3 horas da madrugada do dia 27 de Novembro de 1942, as tropas alemãs começaram a cumprir a ordem que haviam recebido penetrando na área do porto de Toulon, sem encontrarem resistência. Tratava-se, inicialmente, de forças relativamente ligeiras que foram aumentando rapidamente e dando lugar a outras mais pesadas. As primeiras unidades que penetraram na cidade eram constituídas por especialistas e marinheiros era tomarem, rapidamente, conta dos navios de guerra que se encontravam no porto e, no caso de algum deles ter sido sabotado, procederem rapidamente à sua reparação. A qualidade das forças entregadas, desde o início da operação, constituía uma indicação clara dos verdadeiros objectivos dos alemães ao dar-lhe execução.

Em seguida à entrada em Toulon desses destacamentos, começaram a entrar na cidade, e a encaminhar-se para a zona do porto, formações de carros blindados pesados, tanks ligeiros, auto-metralhadoras, e artilharia. Estas forças, pela qualidade e quantidade do material de que estavam apetrechados, encontravam-se em condições de sufocarem à nascença qual-

quer tentativa de resistência que porventura os franceses procurassem oppôr à acção empreendida pelos alemães. Uma parte destas forças atravessou o território do sul da França no meio da população silenciosa e apressada. Todos os que as viam passar sabiam qual era o seu destino e qual a missão que lhes fôra assignada.

A notícia de que estava a passar-se chegou rapidamente ao conhecimento das autoridades na área de Toulon que tiveram apenas o trabalho de ultimar os preparativos, já bastante adiantados, para o afundamento dos navios em cumprimento das ordens recebidas. Os almirantes Laborde e Marquis retiraram-se, por volta da meia noite, a fim de tomarem as suas últimas disposições e assentarem os últimos pormenores da tarefa cuja realização não tardaria a iniciar-se e a ser concluída, de acordo com os planos de há muito assentados.

#### OS PREPARATIVOS PARA O AFUNDAMENTO DA ESQUADRA, LOGO QUE SE VERIFICASSE QUE OS ALEMÃES QUERIAM APODERAR-SE DELA

Os almirantes não tiveram que gastar muito tempo para adoptarem as providências que dependiam da sua iniciativa. Em cumprimento da ordem dada quando da assinatura do

necessária ligação no momento próprio.

Para os navios de menor tonelagem, cruzadores ligeiros, contra-torpedeiros, submarinos e unidades auxiliares, bastaria abrir as válvulas do fundo para que eles se afundassem rapidamente. Mas mesmo em alguns desses navios foram colocadas cargas de dinamite, a fim de que a sua utilização não pudesse ser tentada nos tempos mais próximos. Este perigo portava-se ao número dos que os oficiais franceses previram fazendo tudo para o evitar.

#### AS UNIDADES DA MARINHA DE GUERRA FRANCESA QUE SE ENCONTRAVAM NO PORTO DE TOULON QUANDO FOI DADA A ORDEM DE AFUNDAMENTO

Em Toulon encontrava-se, como temo dito, a maior e a melhor parte da esquadra francesa. Entre os navios que iam receber a ordem de afundamento contavam-se os seguintes:

- Coraçougos: «Strasbourg» e «Dunkerque» ambos de 26.000 toneladas e «Provence» de 23.000.
- Cruzadores pesados: «Algerie», «Foch», «Colbert», «Duplexe» e «Duquesne».
- Cruzadores ligeiros: «Jean de Vienne», «La Galissoniere» e «Marechal».



O arsenal de Toulon, após o bombardeamento

armistício, a esquadra seria afundada logo que se constatasse que as forças alemãs haviam penetrado no recinto da cidade, o que, como já dissemos, se verificou por volta das 3 horas da madrugada daquele dia. Tudo estava a postos para isso. O afundamento dependia apenas duma ordem, dum sinal luminoso e duma ligação eléctrica. Tudo se passaria em segundos, e tudo se passaria sem que os alemães tivessem possibilidades de impedir a realização do projecto que visava a acutelar a esquadra da sua acção. O governo de Vichy, ao dar dois anos antes a ordem nesse sentido, estava firmemente convencido de que ela era indispensável para salvaguardar a execução das cláusulas do armistício. A esse respeito e qualquer que fossem as aparências provocadas pelas tentativas malogradas de colaboração, as suas idéias não se haviam alterado.

A prova é popa dos cruzadores de dez mil toneladas, haviam sido colocadas cargas de dinamite para facilitar o afundamento e para que êste se desse com a necessária rapidez a fim de que os alemães não pudessem, de futuro, utilizar nenhuma dessas preciosas unidades militares. Nos coraçougos fôra feita uma operação semelhante cujos resultados seriam idênticos. As explosões seriam provocadas por um simples fio eléctrico o qual estabelecerá a

- Contra-torpedeiros: 20.
- Submarinos: 20.
- Navio transporte de aviões: «Commandant Testes».

Numerosos navios auxiliares de vários tipos e toneladas.

Os coraçougos de 26.000 toneladas eram nessa altura, as unidades mais modernas e perfeitas da marinha de guerra francesa. Os coraçougos ingleses, do programa naval elaborado antes da guerra, mal tinham começado a aparecer e o programa da esquadra dos dois oceanos, elaborado pelo Departamento de Marinha dos Estados Unidos, encontravam-se em começo de execução.

Dos cruzadores, todos de excelente construção fazendo honra à engenharia naval francesa, os pesados constituíam uma força de primeira ordem sendo dotados de grande eficiência militar. Os contra-torpedeiros e submarinos eram, igualmente, todos sidos lançados recentemente ao mar. Eram tidos na melhor conta pelos técnicos navais de todo o mundo especialmente pelos ingleses e americanos que muito bem os conheciam. A esquadra, no seu conjunto, representava uma força valiosa cuja utilização, no momento oportuno, poderia ter consequências para mudar o sentido e mesmo a decisão da guerra.

(Continua)



Estado actual do porto de Toulon



Sofia tirou o vestido. Porém, por que teria a Sofia escolhido exatamente aquele dia para se dar are de moribunda? Tinha a cara amarela e os dentes azulados. Fuzia impresso. Madame estrelecceu. Devia mandá-la para a cama. Mas a mala grande era absolutamente precisa. Tinha de ficar arrumada. Que fazer? Madame sentiu-se contrariada. — A vida é terrível! — suspirou, e deixou-se cair pesadamente aos pés da cama. As moléculas enfiaram-se rem de novo. — Estar casada com semelhante homem! Fazia-me velha depressa! Velha e gorda. E nem ao menos o atiracou a só vez! Em compensação, vê lá como me paga. Levantou-se outra vez e começou a andar ao acaso pelo quarto.

— Mas isto já vai sendo de mais! — exclamou. — Tinha parado em frente do espelho e contemplava a trágica e esplêndida mulher que lhe reflectia. Com franqueza, quem a visse não podia afirmar que já passava dos trinta. E por trás da linda mulher de ar trágico via uma pobre velha de rosto amarelado, de dentes azulados, incluída contra ar de cansaço, sobre uma mala aberta. Era, na verdade, um espectáculo desagradável. Sofia parecia uma pobre mendicida daquelas que se encontram pelas ruas nas manhãs geladas de inverno.

Passasse de lado à pressa, sem olhar. Ou se uma pessoa pára dá-lo todo o cobre que leva na algarbeira — e até uma nota de dois francos, se não tem troco. Mas, faça-se o que se faça, essas pessoas deixam sempre uma impressão de incômodo, e fazem-nos sentir desejos de pedir desculpa pela pele que nos cobre. Isto acontece quando se anda a pé. Se tivesse um carro — outra sovínice do Egeisippo — passaria com as cortinas corridas e bem sabida que existe gente desta. Afastou-se do espelho. — Agora basta — disse, tentando não pensar nos pobres, nas caras amarelas, nos dentes azulados. Agora, basta.

E deixou-se cair numa cadeira. Fazem léda de um amete com o

(Continua na pág 14)

A discussão durava havia quatro horas. As vozes chegavam fracas e ininteligíveis ao fim do corredor. Curvada sobre o trabalho, Sofia cogitava sem curiosidade sobre o motivo da discussão desse dia. A voz de Madame era a que mais se ouvia. Exasperada pela ira e sufocada por lágrimas de indignação, subia e baixava tal como as rajadas de um vendaval. Monsieur era bastante mais discreto, e a sua voz profunda tinha modulações desmazeladamente suaves para poder ir além das portas fechadas e espalhar-se ao longo do corredor. Para Sofia, metida no gelado cubículo, aquela discussão reduzia-se a uma série de monólogos, interrompidos, de vez em quando, por estranhos e ameaçadores silêncios. Por vezes, Monsieur perdia também a calma, e então, entre uma e outra rajada, já não se ouvia aquelles silêncios intervalos, mas apenas uma onda de gritos ásperos, profundos e coléricos. Os zunichos agudos de Madame tornavam-se então contínuos, e a sua voz, mesmo na ira, conservava uma clareza e essência monótona. Em compensação, Monsieur falava umas vezes forte, outras calmo com argumentos modéstos e súbitos, mais menos dia, tenho de decidir-me a ir ao Louvre para ver o meu retrato. — Uma Rubens. Verdaderamente, um pouco grotesco ter vivido sempre em Paris e não ter visitado o Louvre uma única vez, não é? Estava esplêndida nessa noite. Tinha as faces ardentes, e os olhos azuis brilhavam sobre uma luz insuspetada ainda às longas pestanas; as tranças, de um vermelho de fogo, caíam-lhe sobre os ombros em adorável desorden.

correram o corredor; o bengaleiro aliano e a porta fechou-se com uma pancada forte.

Sofia baixou de novo os olhos sobre o seu trabalho. Ah! Aquella lagarta, aquelas estrelinhas de cores, aquelle cansaço, terrível nos seus ossos doridos! Poder passar um dia inteiro na cama, numa cama imensa com colchões de plumas! Um dia morto e suave!

O toque da campainha sobressaltou-a. Aquelle zumbido de vózes enfurecidas assustava-a sempre. Levantou-se, deixou o trabalho sobre a mesa, alisou o avental, endireitou a coifa e foi ao corredor. Outro toque furibundo. Madame não queria esperar.

— Até que enfim, Sofia! Já julgava que nunca mais vinhas. Sofia não respondeu: nada tinha a dizer. Madame estava de pé, em frente do armário aberto. Tinha no braço uns poucos de vestidos; havia muitos outros, em monte, em cima da cama.

Era uma beleza de Rubens, como o marido lhe chamava quando lhe dava para a ternura. Gostava destas mulheres macias, opulentas e melleosas. Com as mulheres margrizes não sabia que atitude havia de tomar. Por alicinha, chamava-lhe «Helène Fourmouts».

— «Mala dia, meno dia — dizia Madame às suas amigas — mala meno dia, tenho de decidir-me a ir ao Louvre para ver o meu retrato. — Uma Rubens. Verdaderamente, um pouco grotesco ter vivido sempre em Paris e não ter visitado o Louvre uma única vez, não é? Estava esplêndida nessa noite. Tinha as faces ardentes, e os olhos azuis brilhavam sobre uma luz insuspetada ainda às longas pestanas; as tranças, de um vermelho de fogo, caíam-lhe sobre os ombros em adorável desorden.

Sofia anunciou dramaticamente — partiremos amanhã para Roma. Amanhã de manhã. Enquanto falava, tirou do armário mais um vestido e deitou-o sobre a cama. Ao fazer este movimento, abriuse-lhe a bata deixando ver uma confusão de luxuosas roupas junto à carne branca e opulenta.

— Temos de fazer as malas imediatamente. — quanto tempo estaremos fora, Madame? — Não sei; talvez quinze dias, talvez três meses. Sei lá! — É que há grande diferença, Madame!

— O importante é que partiremos imediatamente. Depois do que me disseram esta noite, garantio-te que não torno a pôr os pés nesta casa enquanto o não pedirem de joelhos. Nesse caso, Madame, será melhor levar a mala grande. Vou trazer depois.

— «o sótão havia um ar rarefeito; cheirava a pó e a colro; cortava a respiração. Lá a mala grande estava arrumada no fundo. Sofia teve de agachar-se e juntar todas as suas peças de roupa e pôde tirar a lagarta e as estrelinhas coloridas redemoinhavam-lhe diante dos olhos. Quando se ergueu de novo, sentiu a cabeça as voltas.

— Eu ajudo a tirar a mala, Sofia! — disse Madame quando a criada voltou carregada com aquêle grande péso. — A velha Sofia parecia há tempo um verdadeiro esqueleto. Madame não gostava nada de se ver rodeada por gente velha e feia. Mas Sofia era tão trabalhadora, que seria louca pensar em desembarcar-se dela. Não precisava incomodar-se, Ma-

Passado um bocado, Sofia não lhe deu ouvidos. Estava a coser um espartilho de Madame e o trabalho exigia toda a sua atenção. Sentia-se cansadíssima; dóla-lhe todo o corpo. Entretanto esse tinha sido um dia penoso, e ela já não era a mesma. Dois anos mais e chegaria aos cinquenta. Todos os dias da sua vida que podia recordar tinham sido trabalhos e pesados. Pensou no sacco de batata que tinha carregado em pequena, no campo. Pouco a pouco a cunilhando pela estrada cheia de poeira com o sacco das costas. Dez passos mais; sim, ainda podia fazer aquelle último esforço... Mas nunca chegara lá meta, sempre tinha de comegar de novo.

Ergueu os olhos do trabalho, moveu a cabeça de um lado para o outro e pectanejou com força. Tinha completamente esquecido a tempo! Lá direita, uma espécie de lagarta amarela e fosforescente subia, contornando o seu campo de visual. Subia, continuava a subir, mas estava sempre no mesmo sitio. Ah! Agora estava a subir sobre as verdes que se quebravam apagando-se e acendendo-se em volta daquela lagarta. Dançavam entre ela e o trabalho e não desapareciam! nem mesmo quando fechava os olhos. Resuscitou um momento; começou de novo a trabalhar. Madame tinha-lhe dito que precisava absolutamente do espartilho para o dia seguinte de manhã. Mas a lagarta continuava a cegar a pobre Sofia.

De repente, a cruafta ponta do corredor, a gritaria aumentou. Abriu-se uma porta e as palavras ouviram-se com clareza e firmeza.

— Enganas-te, meu amigo, se julgas que sou tu escrava. Hel-de fazer aquilo que eu quiser.

— E eu também.

É ele ou uma gargalhada áspera e ameaçadora. Uns passos fortes per-



## IMAGENS TRISTES DUMA CIDADE VENCIDA



Por toda a cidade se encontram grupos como isto — gente sem alojamento e sem alimentação. Alguns são soldados alemães que estavam em campos de concentração russos, mulheres que perderam todos os seus hovers, crianças mal alimentadas — uma paródia de fome e de miséria!

**G**ENTE que quer voltar aos seus lares, famílias que perderam tudo — pessoas isoladas que perderam toda a família!

Berlim é uma exposição de tristeza, um mostruário de dores — um cenário de tragédia.

A doença, a fome, o luto, assentaram ali arralás. O tempo passa, vertiginosamente, e só lentamente, como é possível, surgem os desejados socorros.

Homens, mulheres, crianças, igualam-se pelo sofrimento. Há máscaras de dor que nem toda a felicidade do mundo poderia já transformar em rostos humanos! Passam mutilados, arrastam-se doentes, vaguem, errantes, almas que não sabem o que desejam, nem para onde seguir.

A tragédia excede-se a si mesma.

Há palavras que dizem tudo: — Antes a morte! Mas, para muitos não sou ainda a hora libertadora. E têm de viver!

Se é vida, aquilo...



Esta mulher é da região dos Sudetas e, no meio do caos de Berlim, só tem um sonho: — regressar à sua terra!



Os socorros chegam demasiado tarde...



Um soldado mutilado é transportado às costas, para um hospital.



Mãe e filho. Um quadro — que é uma tragédia!



Esta mulher veio a pé desde Breslau!



O olhar deste rapaz de 12 anos reflecte o destino da mocidade alemã!

# O carroussel humano

Aí vai êle, na primeira reviravolta — estrugindo alegria, gusalhando mocidade, no trelô de música e aplausos.

Tudo quanto existe de amargura, de inquietação, de dor, se esqueceu para só viver aquela enorme roda, vertiginosa, que vai dançar à nossa vista o seu batuque ruidoso de feira barulhenta, levando sobre o dorso dos cavalos de pau gente contagiada de alegria, que quer, à viva força, adiar para bem longe o pesadelo da vida, para só sonhar no turbilhão, que é o carroucel.

— Venham ao carroucel!  
De facto, extraordinário carroucel, — que feito para meninos inebria os homens. A roda da vida também assim gira. Tudo vive debaixo da mesma lei que produz movimento, dinamismo. Parar é morrer. Por isso o carroussel humano não deixa de girar, arrastando os homens no seu turbilhão.

Há nesse, como no da feira, os cavalos, os macacos, as cegonhas — onde, a quinze tostões, a rapaziada folgazã dá largas ao seu entusiasmo; uma diferença, porém, os separa: é que, na vida, nem sempre há cavalos que cheguem para tantos homens que não querem andar a pé — e vê-se, no carroussel humano esta coisa inverosímil de homens ajoelhados com homens terem que girar, de cara alegre, não ao toque de música — mas chicoteados que era o estimulante dos escravos.

A vida é girar. O homem tem por força de obedecer a essa lei. Os que tombam, os fracos, nada de interessante poderiam trazer a êsse enorme carroussel que ama o movimento, a alegria. Ficam pelo caminho, enquanto, numa vertigem, a roda, a gargalhar, vai espalhando cornucópias de alegria.

Nada pode deter a vertigem de que o homem se apossou.  
Todos nós caminhamos arrastados pela força do destino. Há música estranha neste deambular de sonhadores, loucos e idealistas.

É a terra, dos réconcavos, a gritar por gente — terra gretada, ressequida, empoinhada, com vermes e lagartas, que esperam a carne a apodrecer dos que não souberem aguentar-se no carroussel humano e caíram no tropel, espinhados pela turba.

— «É entrar para o carroussel. Quinze tostões! Quinze tostões! Perfeitamente — entremos!

A vida deus-nos a lição dura de que o pão da boca é amassado com sangue, sacrifício, lágrimas.

Ao menos, numa hora, vivamos ao natural naquele carroussel de feira, as reviravoltas que a existência nos faz dar desde o berço — ao esquife.

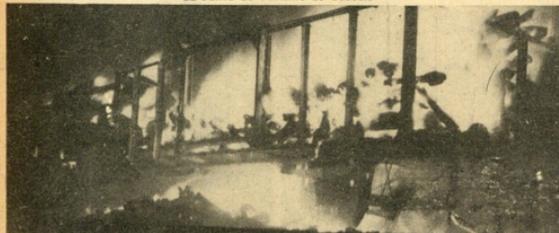
POR MANUEL MARTINHO



O jornalista Norberto de Araújo saudando os membros da Comissão Brasileira para o Acórdo Ortográfico, no banquete realizado em sua honra no Casino de Sinto



A exposição do escultor Júlio de Sousa e do pintor Stephen Gishford, no Salão da Junta de Turismo de Cascais



Um aspecto de fogo no fatídico cambóio que se incendiou próximo da Póvoa e depois descarrollou, em parte, em Braço de Prato.

## O combate de box Reverte-Levi



O árbitro e os «segundos» do combate Reverte-Levi, que o nosso compatriota ganhou brilhantemente.



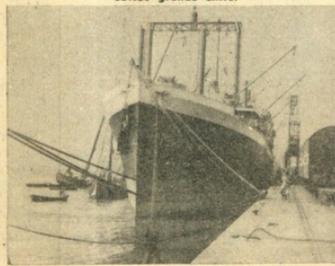
Reverte num sóco baixo, que Levi esquivo...



No «corpo-a-corpo», Levi leva vantagem ao pugilista espanhol



Uma cena da revista «Cascais em Marchas», interpretada por amadores de Cascais e que tem obtido grande êxito.



O barco inglês «Drina», do grupo «D» da Mala Real Inglesa, o primeiro a recomençar as suas carreiras entre Portugal e o Brasil.

## A ARTILHARIA DA DEFESA ANTI-AÉREA DE LISBOA FESTEJOU O SEU 1.º ANIVERSÁRIO



O sr. Presidente da República entregando a bandeira à Artilharia de Defesa Antiaérea de Lisboa.



A entrega de troféus nas provas realizadas no paródio do quartel



Esta é a nova sede da Associação Humanitária «Cruz de Malta», há dias inaugurada no Largo do Leão.



A chegada, ao aeroporto da Parrela de Sacavém, do Secretário do Interior dos Estados Unidos, Harold L. Ickes, que vem de assistir à Conferência Anglo-Americana do Petróleo. No aeroporto, o ilustre visitante era aguardado pelo Embaixador americano, Dr. Herman Baruch, adidos militar, naval e do ar, e pessoal da Embaixada.

## "O MILAGRE DA SERRA"

*Um grande argumento para se fazer o grande filme que Portugal deve a Fátima*



O poeta António Correia de Oliveira com seu irmão, João Correia de Oliveira, durante as festas de Coimbra, em que os estudantes o aclamaram «quintista honorário»

**A** BANDONADA a mesa, que as flores e as frutas encham de cor e de perfume, sob a luz do candeiro suspenso do teto, os três ou quatro amigos da casa que, nessa noite, all nos retiráramos, viemos para a sala rente ao jardim.

Portas e janelas escancaradas para o denso novêdo de sombras em que as conadas árvores se enrodiavam e onde um repuxo d'ar ao ar atento a melopodia da sua cantiga, a noite clara, de estrélas, ardente e balamítica, vinha até nós.

Reposuados nos «males», conversáramos animadamente sobre tudo; mas, mais larga e fervorosamente, sobre Arte e sobre Poesia. Ou não estiveramos nós em Belinho...

E foi, então, que o Poeta, curvando-se para mim, já um pouco fatigado dos arroubos de linguagem e de pensamento em que se queima, sempre que a conversa o envolva numa atmosfera de simpatia e de sinceridade, me segredou:

— Vocês ainda têm muita noite para entreter: peça ao João que lhes leia o «Milagre da Serra».

Já ouvíramos da peça, escrita val para 2 anos, mas teimosamente conservada inédita, com excepção dum excerto há tempos publicado nas «Novidades», cuja leitura despertara no meu espirito a curiosidade duma leitura integral.

Pedimo-la. Primeiro, a recusa. Em face, porém, da insistência, o dramaturgo cedeu.

E foi assim, que nessa noite deliciosa, paredes-melas com a natureza, ouvimos o novo trabalho de João Correia de Oliveira, cuja inactividade literária é apenas aparente.

Silenciosamente, o autor de «Os Lóbes» e do «Paco de Portuludo», escreve, sempre que a vida lho permita. E é, all, em Belinho, onde tudo a sua volta convida ao esforço de criar, que ele aproveita as suas férias — trabalhando. Mas, sempre insatisfeito, dotado dum auto-criticismo inclemente, as peças, depois de escritas, são condenadas ao ineditismo forçado da gaveta.

— Se protestamos contra o sequestro sorr:

— A gaveta é um excelente fruteiro: — se o que se escreveu tem condições para «dujar», lá amadurece. Se, pelo contrário, não presta, lá apodrece... Deve ser éste último o meu caso...

A minha impressão de leitura foi de autêntico deleite espiritual. Leigo em coisas de teatro. Ignoro até que ponto o «Milagre da Serra», com os seus três actos e 8 quadros, possa corresponder a expectativa dum público acostumado ás facilidades da rotina. Literariamente, deixou-me a impressão larga e profunda dum autêntico poema em prosa, duma grande riqueza de colorido, de imaginação plástica e, simultaneamente, de observação realista, entre fugas de lirismo, de espiritualidade e de dramatismo.

Num ambiente de vasta e rude pastoral, em que os personagens, para além do seu movimento real e humano, histórico, se desdobram em significados de símbolo, é o Milagre de Fátima que se desentrela, na frescura primitiva da sua gesta, pela primeira vez posto em equação dramática, viva e forte, — emocionantemente.

Não conheço, na bibliografia d'esse Milagre que tão intimamente se entrelaça com os destinos duma Pátria, nada que se lhe iguale, em verdade humana e em beleza artística.

Teatro? Certamente, mas de difícil realização nos nossos palcos, dada a materialização do Invisível, que, passo a passo, acompanha a acção.

(Continua na pág. 15)

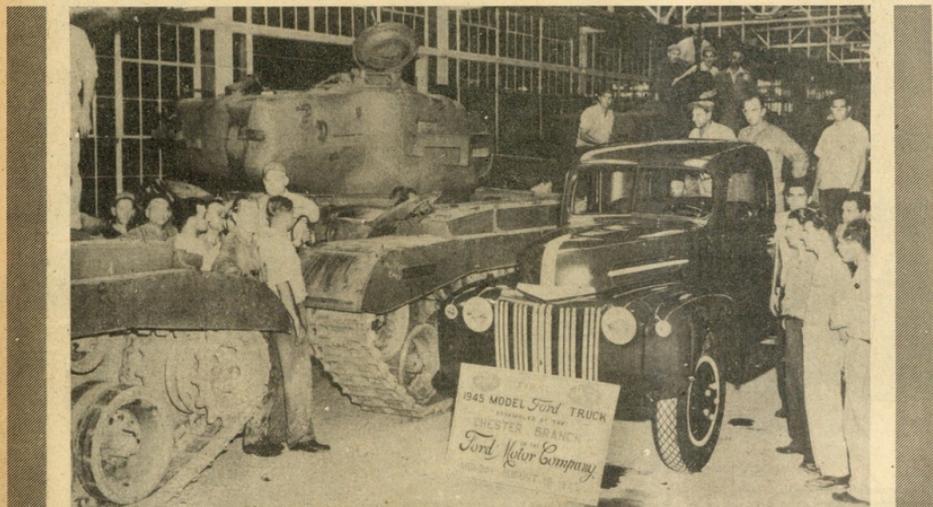


A chegada do avião «Yorks», em que Churchill fêz a viagem a Moscovo, ao aeroporto de Lisboa. Na foto vêem-se os aviadores de R.A.F. que fazem parte da tripulação e outras pessoas que visitaram o avião.



# CAMIÕES FORD 1945

Um aspecto da reconversão da indústria automobilística Ford



Apenas terminou a produção de tanques, a Ford estava a fabricar camiões. Esta foto mostra o aspecto de uma das fábricas Ford no dia em que montou o primeiro camião para o serviço da Paz.

## A cara pintada

(Continuação da página 8)

carra amarela e os dentes azues? Fechou os olhos. Sentiu que um cántaro lhe percorria o corpo. Tinha razão para se sentir estonteada. Não pôde deixar de tornar a olhar para ela. Os olhos de Sofia tinham uma cor esverdeada e estavam completamente apagados. Que fazer? A cara daquela mulher era uma cruz para uma viva acusação. Para mais aquelas olhos cusavam-lhe náuseas. Nunca tinha tido os nervos como nesse dia.

Sofia levantou-se com dificuldade e com cansaço. Passou-lhe uma expressão de sofrimento pela cara. Chegou lentamente até à cómoda e, lentamente, tirou seis pares de meias de seda. Voltou à mala. A mulher era um verdadeiro cadáver ambulante.

— Que terrível é a vida! — repetiu Madame, convencida. — Terrível, terrível, terrível.

Tinha de a mandar para a cama. Mas só não conseguia arrumar a mala. E era absolutamente preciso partir no dia seguinte de manhã.

Tinha dito a Egegipto que partiria, e ele, sem acreditar, tinha desatado a rir. Desta vez, tinha de dar-lhe uma boa lição. Em Roma veria o Lulzinho, um rapaz tão simpático e para mais marçuelo! Talvez! Mas o rosto de Sofia perseguia-a com os olhos esverdeados, os dentes azules, a pele amarela e ressequida.

— Sofia — disse de repente, fazendo um esforço para dar naturalidade à voz — procura no tocador. Há-de lá 24. De Dorin. Põe um bocadinho nas faces. Na gavetinha da direita está um sabão para os lábios.

Fechou os olhos. Sofia levantou-se com um estalar de articulações e dirigiu-se ao tocador, ficando ali por tempo que Madame pensou interminável. Que vida, santo Deus, que vida!

— Obrigad, Sofia. Tens um aspecto muito menos cansado.

Madame levantou-se alegre e bem disposta.

— Temos de andar depressa. — Chela de novo ardor, correu ao armário.

— Santo Deus! — exclamou, erguendo os braços. — Esqueceste-te de pôr o meu vestido de seda azul! Onde tens tu a cabeça, Sofia?

## Carmen Amaya

(Continuação da página 2)

numerosa família teria ficado indelicada... às portas da fortuna...

Depois, já o leitor sabe o resto. Carmen Amaya — a milionária — tem hoje mais de cem fatos para vestir em cena — e a conta corrente nos bancos já alcançou, há muito, a casa dos milhões.

Feliz Carmen!

## Em todas as IDADES...

é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Remediando a fatura má, nascem um fillo novo e resistente a todas as enfermidades.



Cuidar a dentição e a desenvolvimento dos ossos contribui e principal medida profilática que se pode tomar com os fillos.



Não dáde medo, quando o bebudo, das crianças começa a trabalhar, deve impedirse a fadga que se ocasiona os primeiros dias.



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se mais ágéis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.



A diminuição de alegria, a falta de apetite, a insónia, o cansaço, e falta de memória, os nervos excitados, sinais de alarme com os quais o organismo anuncia uma perda de resistência. Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fosforo Ferrero.

Peça sempre o legítimo Fosforo Ferrero à venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos



A sempre as mulheres passe por um período de esgotamento, ansia e fadga, que devem ser combatidas com danças.



Os jovens que no decurso de estudos fortíssimos e seu cérebro, fazem honras com um pouco de cansaço.



A família inteira tem o prazer de alegrar vendo que todos os seus componentes gozem de boa saúde.



Nunca será um velho se os seus facultades mentais e os seus nervos conservarem a vigia da juventude.

# A alegria dos mercados

(Continuação da página 12)

pendurados nos espetos, como uma paisagem sanguínea onde não falta, ainda a escorrer sangue (é o carrinho da câmara) inocentes carneiros, que ainda não eram borregos para as mãos dos magarefes. Do lado do peixe, a gritar, a varina não tem mãos a medir — e vende os relecrapaus, estripados, pelo preço doável do Minho. A fruta é — as boas laranjas de Setúbal, os pêros perfumados e macios que deliciam, a maçã reietta que enche uma casa de apetecível aroma, têm preço, na tabuleta, de objectos de ourivesaria. O grosso do público cada vez mais se forma em caudal — e há já atropelos, correrias, crianças que choram sem saber porquê — e tudo dentro duma ordem calma, sob as vistas do polícia que está com o livro das multas, à espera da transgressão. Há no mercado uma música infernal — uma orquestração que vem dos reóncavos e que é executada por toda aquela gente que arrasta os pés, que chama, que grita, que pragueja — e que, todos os dias, se bate heróicamente nessa batalha do estômago — que não admite retidas estratégicas.

Visite a  
Exposição de Outubro  
da  
Galeria A. Molder  
no  
Jardim Cinema

De 10 a 25 do corrente  
das 10 às 13 e das 14,30 às 19 horas

## COMPRADO PELA MÃE

Comprou-o para si e para o seu filho. Agora até o pai o toma!

LAXOBAC o novo chocolate laxativo é o remédio para toda a família. Suave, mas firmemente, a LAXOBAC obriga os intestinos a uma regularidade de funções cronométricas e o seu sabor é tão agradável que todos gostam.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias e Escudos 8550 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.

# "O milagre da serra"

(Continuação da página 11)

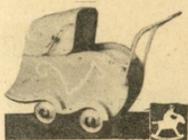
Mas — com absoluta certeza! — heio e vazio cinema. O cinema, devido à infinitude dos seus recursos, tem a possibilidade de desdobrar no tempo e no espaço todo o pitoresco que a Milagre da Serras contém à rôdos, e que não cabe no estreito condicionismo dum palco.

O cinema português encontrará, portanto, na obra de Correia de Oliveira, aquêllo argumento amplo e definitivo que Fátima há muito lhe pede e que, não se sabe bem porquê, os nossos cineastas ainda lhe não deram.

Féta, por um mero acaso, esta descoberta, ficaria de mal comigo próprio se a não revelasse.

A revelação a si fica.

## CARRINHOS PARA BEBÉS E CADEIRINHAS



Fabrilca

A pronto e com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.<sup>DA</sup>  
R. Arco do Bandeira, 79, 1.<sup>o</sup>  
LISBOA — Telef. 26713  
(Atendem-se pedidos da provincia)

**MEDICINAL**  
**PASTA COUTO**  
TRATA  
gengivas doencadas  
ou sangrentas  
EVITA  
estomatites mercuriais  
ou biomuticas  
MATA  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00

Medicinal grande — tubo 17\$50

Vulgar pequena — tubo 4\$00

Vulgar grande — tubo 7\$00



Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Depósitos: Cada caixa 3\$00

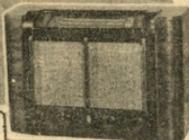
Lisboa — Largo Contador Mór, 4-A

Porto — Largo de S. Domingos, 108

## RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



LANA TURNER



CABA

Jose Costa

AGENTE OFICIAL DE  
TODAS AS MARCAS DE  
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2.4888

O soldado  
**FLIT**  
bate-se  
em tôdas  
as frentes!



O S exércitos vacilam, quando a doença lhes ataca os homens. Para defender a saúde dos combatentes das Nações Unidas, o soldado Flit mata, impiedosa e infalivelmente, mosquitos, moscas e todos os insetos que espalham doenças. Pode também confiar a Flit o encargo de livrar o seu lar de moscas, mosquitos, percevejos, etc. Continue a pedir Flit e exija verdadeiro Flit. Não aceite substitutos.



**FLIT**

Devido à guerra, Flit vende-se em frascos e latas. Lembre-se que se o soldado não estiver na embalagem, não é Flit.

Na guerra como na Paz, Flit é o insecticida que mata sempre.

J. M. da Cruz Pontes

# Nos bastidores da rendição da Itália

(Continuação da página 6)

que a chegada de Castellano e Montanari passou despercebida.

O primeiro encontro entre os negociadores aliados e italianos tinha sido marcado para 17 de Agosto. Smith e Strong chegaram à capital portuguesa quasi no mesmo dia que os italianos. Era preciso não perder tempo.

Smith e Strong seguiram para casa do embaixador britânico, que cedeu um aposento para o encontro. Esta primeira entrevista teve lugar às dez e meia da noite, hora a que a escuridão da noite tornava menos viável que qualquer dos emissários fosse visto e reconhecido.

O general Castellano e Montanari chegaram a pé e foram rapidamente introduzidos na casa do embaixador.

O primeiro encontro com os oficiais anglo-americanos foi bastante cortês. Cumprimentaram-se mutuamente com acenos de cabeça, mas não houve apertos de mão. Depois, recolheram-se a um quarto interior.

Montanari revelou-se um excelente intérprete. O brigadeiro Strong sabia suficientemente a lingua italiana para conferir as conversações à medida que decorriam e, deste modo, evitava qualquer desentendimento na tradução dos assuntos discutidos.

À esta primeira reunião, estiveram presentes seis pessoas: o embaixador britânico em Lisboa, o encarregado americano de negócios, Kennan, o general Smith, o brigadeiro Strong, o general Castellano e Montanari. A sessão durou toda a noite.

# POMPEIA



pó de arroz

O Pó de Arroz «POMPEIA», finíssimo, impalpável, aéreo, de subtil aroma, diz-se a l'fluido das mais formosas flores, nimbando o seu rosto para, numa misteriosa metamorfose, o tornar mais lindo e mais belo, encantador, como as próprias flores.

Logo, como atributo de beleza, o Pó de Arroz «POMPEIA» é absolutamente indispensável a todas as senhoras.

O Pó de Arroz «POMPEIA», tendo a particularidade de se conservar no rosto todo o dia, resistindo impunemente a todas as intempéries, dar-lhe-á uma «patine» de beleza, confundindo-se com os seus dons naturais e realçando-os sobremaneira.

# O «Gandi» foi à Feira Popular

(Continuação da página 19)

...mas aí vamos quasi em «vão pleado». O «Gandi» encolheu-se. Falta-lhe a renoução. Parece que o coração lhe parou de bater. Mas foi um instante. A água do lago abre-se com estrépito, molha-nos, e fazemos a curva em grande velocidade. O Serdião, bem polcado, dispara. Como estarão as nossas caras? Porque o repórter também se encolheu...

Ainda com os nervos sacudidos, vamos dar uma volta no «gasolina». É o que mais delicia o «Gandi». Sent-se atraído pela água como bom portuguêsinho que é.

Por vontade d'ele, e talvez por nossa também, fiaríamos o resto da tarde a passear no lago, aquecidos por aquêlo sol maravilhoso com que o verde está a despedir-se de nós.

A tarde vai adiantada. Colhemos impressões do «Gandi». Vêmo-lo sério demais. Quasi pensativo. Diz que não tem nada. Que está contentíssimo. Insistimos, porque ele tem qualquer coisa de estranho. Por fim segreda-nos que anda um pouco chinho triste, porque se lembra dos irmãos.

Não lhe levamos a mal. Mas para o vemos contente, pômo-lo a lambor uma nuvem de açúcar, que realça, num contraste engraçado, da sua carita tiçada pelo sol.

A tarde finda no crepúsculo. Equilibristas, ginastas, os bonecos de Marius, e, por fim, os engraçadíssimos irmãos Campo, são o ponto final daquelas horas de prazer que a «vida Mundial» deu a um ardina da cidade.

— Não é verdade, «Gandi»?...

## LIVRARIA ECLECTICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada de Combro, 58 — LISBOA

L.T. PIVER

CASA ESTABELECIADA EM 1797



# KEILLER

Marmelada de Laranjas

BREVEMENTE CHEGARÃO FORNECIMENTOS EM ABUNDÂNCIA

Consultem os agentes — ARNALDO SALGUEIRO & C.ª — PORTO

...SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS DA CAÇA NA



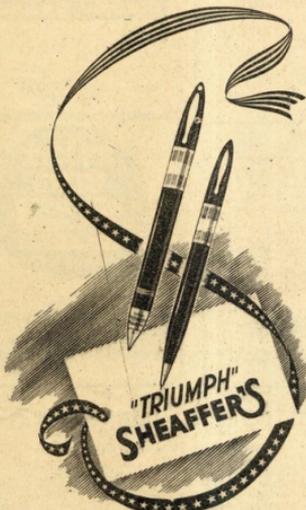
COMPANHIA DE SEGUROS R. GARRETT, 36 LISBOA

# IMPERIO

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhumas outras.



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & QUARTE, L.ª RUA DO CRUCIFIXO, 76-B LISBOA-TEL-26297



Todos os edifícios e todos os animais do «Rancho» são brancos como a neve!



Estes cavalos parece não estarem muito do acordado! De quem é a culpa? Da D. Égua, é claro...



Os coelhos existentes no «Rancho» também são brancos



E a cadela «Spitz», sentiu-se na obrigação de ter uma ninhada — toda branca!



Pois se até o automóvel de Mrs. Thompson é branco! Se o que nos admira é ele não estar, como sua esposa, também de branco vestido!...

## Uma visita ao «Rancho do Cavalo Branco»

15 cavalos brancos! Quem não fica enleado ao vê-los, arrogantes, garbosos, à frente da nossa cavalaria, o dorso dum alvura de neve — vaidosos da sua imponência? Os nossos regimentos tinham esquadrões de cavalos brancos. Lanceiros de El-rei, aqueles que tinham por divisa «Morte ou glória», abriam o cortejo, com as charameias e lindos cavalos brancos, nos dias festivos de parada. Ainda hoje Cavalaria 7 tem, nos seus cavalariares, cavalos brancos que são lindas estampas. Os nossos Concursos Hípicos raro apresentam um cavalo branco. São todos escuros, fofos, de sangue árabe, que saltam os obstáculos com uma voluntariedade de pasmor. Parece mesmo que ninguém acredita na destreza dos cavalos brancos — pois a brançura dó- lhes um tom brando de mansidão.

Todavia, ainda há pouco fêz furor uma égua branca que não corria: voava.

\* \* \*

O que muita gente, porém, ignora, é que os cavalos desta raça, à nascença, não são brancos. Vêm cinzentos, amarelos, cor de terra, e, depois, com o andar dos tempos, começam a embranquecer, ficando alvos como a neve.

Os americanos resolveram o problema da criação de animais só daquela cor.

acompanhe-nos o leitor numa visita ao «Rancho do Cavalo Branco», em Nelrasko, Estados Unidos. No «Rancho Branco», de Mr. C. R. Thompson, tudo é branco. Desde as casas que o povoam, todas pintadas, ao próprio automóvel do excêntrico americano, onde viaja com a família. Mas, para dar mais realce de beleza, as próprias coelhas que nasceram no «Rancho» vieram todos branquinhos, com a graça das grandes orelhas arrebitadas.

Como numa cidade de paz e trabalho, no «Rancho Branco» reina uma perfeita harmonia de cor e movimento.

E os leitores podem calcular o encanto que existirá entre tantos animais, correndo, saltando, sobressaindo a alvura dos dorsos do quêle escuro terreno que é o chão — que lhes serve de contraste. Os cavalos de Mrs. Thompson pertencem à raça Albina americana — foi assim que éte o denominou — e são vivos, inteligentes, acatando as ordens do seu dono. Há perto de 100 animais que, pela sua graça, estão tendo imensa procura na América.

Facilmente domesticáveis — o desenvolvimento do seu instinto tem provado que os cavalos brancos daquela raça são habilidosos e lementos de circo que, mais dia menos dia, hão-de correr sempre naquele signo de brancura.

Cada cavalo custa 1.000 dólares, e — aqui para nós — devem estar racionados, tal o êxito que fizeram.

A excentricidade de Mr. Thompson edificando um «Rancho» onde tudo fôsse branco como a neve, deu-lhe, como se vê, ótimo resultado. E as coisas parece que hão-de correr sempre naquele signo de brancura.

Há dias, a cadela teve uma ninhada. Sabem de que cor? Pois, evidentemente, são brancos os cachorrinhos!

É pena o «Rancho Branco» ser tão longe — na América! Senão, tenho a certeza de que os leitores se não importariam de ir lá rhesmos. em vez de fazerem a cômoda viagem por esta página ilustrada...



Perús brancos — para o Natal!



Este touro branco, também faz parte da branca fauna do «rancho»!



# A verdade sobre BEATRIZ COSTA

Popular e querida artista regressa a Portugal em Dezembro!

Quanto tempo passamos a esperar notícias da nossa querida e amada artista! Ela regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam. Ela regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.

Bea regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam. Ela regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.

Bea regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam. Ela regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.



Bea em Portugal, com o seu querido marido, Almeida e filha, em companhia de sua mãe e irmã.



A Beatriz com o pai, Almeida, e filha, em companhia de sua mãe e irmã.



Bea regressa dos Estados Unidos e regressa ao seu querido marido, Almeida e filha, em companhia de sua mãe e irmã.



Em família, a parte de sua residência, a Beatriz, Almeida, filha e irmã.



A grande companhia de teatro, com a participação de sua mãe e irmã, Almeida e filha, em companhia de sua mãe e irmã.



Bea regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.



Bea regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.



Bea regressa a Portugal em Dezembro, depois de uma longa estada nos Estados Unidos, onde se dedicou ao cinema, ao teatro e à música. A sua volta é esperada com entusiasmo por todos os portugueses que a admiram e a respeitam.

# Como a guerra transformou a casa dum chefe nazi

○ 5 leitores devem conhecer este nome: Robert Ley, chefe do «Frente de Trabalho Alemão».

O Dr. Robert Ley esteve, até, em Lisboa, quando dum excursionista a aquele organismo que se demoult,

alguns dias, na nossa capital. Pois o Dr. Ley possuía, na cidade de Ziegenhardt, na Alemanha, um luxuoso palacete, que gozava a justificada fama em comodidade e bom ahen

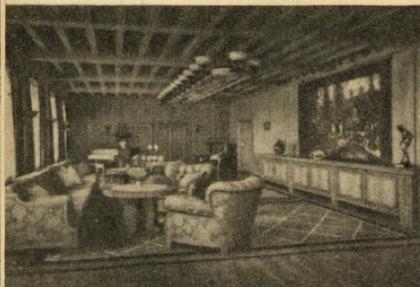
Simplemente, quando os americanos entraram em Ziegenhardt, a resolveram visitar o palacete do conhecido chefe alemão, hoje inscrita na lista dos criminosos de guerra, foram encontrá-lo no estado que as fotos da direita represen-

tem...

O chefe do «Frente de Trabalho Alemão» foi feito prisioneiro pelos seus próprios camaradas nazis, que o levaram para a prisão de Mondorf, no Luxemburgo, e se recusavam a acamardar com ele!



Aspecto exterior do palacete do Dr. Ley antes dos bombardeamentos.



Aquí era o esala de estara, tôda forrada a damasco!



A escadaria principal, com incrustações em carvalho. A porta, à esquerda, dá para a sala de projecção cinematográfica...



... e o mesmo depois da «transformação» e que a guerra o sujeitou!



vê-se o estado em que está a esala de estara!



Mas a escada ficou assim, e é fácil calcular como estará o sala de projecção!



Como vê, o nosso "groom" já regressou da guerra!



—Olha se em não tenho ido buscar a casa o meu guarda-chuva antes de vir à Exposição!



—Agora só falta saber com o bave mos de pôr a bandeira lá em cima!



—Abl! lá está a perceber porque razão você mandou chamar, à pressa, um especialista de doenças de peles...



# PASSATEMPO



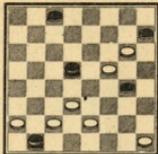
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para o Rua Marquês, 24 da Bandeira, 100, 3 LISBOA

## DAMAS

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 36

Por António Eduardo Irgojas (Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 35

28-32	32-23	31-27
30-18	27-20	30-23
12-15	7-30	
20-11	P. ganham.	

### RECTIFICANDO

Mais uma vez, por erro tipográfico, se registou uma grahia no nosso n.º 228, de 27/9/945. Assim, o diagrama referente ao problema de Raúl Duarte Giraldo apareceu na secção espanhola como sendo final, e o final que pertencia secção espanhola apareceu na secção portuguesa como sendo problema.

Que nos desculpem os nossos leitores esta falta involuntária.

1.º CAMPEONATO POR CORRESPONDENCIA DE 3000 DE ADAMAS DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"  
Resultados da 1.ª Eliminatoria (Continuação)

Série A  
Vencedor: José Soares (Alenquer).  
Eliminados: Manuel Félix Irgojas (Melgaço), José Polónia Filgueiredo (Ovar) e Diego Alvarez (Lisboa).

(Continua)

## XADREZ

PROBLEMA N.º 14

Por Hans Lähge



2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12

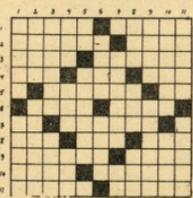
Chave: 1P7f. Ameaça: 2.B7g++.

se 2.T7h	2.C7h++
se 2.Pg++	2.Pg++
se 2.P x B	2.T8b++
se 2.T6e+	2.C6e++
se 2.B5e	2.T7e++
se 2.T5e	2.B4b++

Intervenção mútua de torre e bispo (Intervenção Grimshaw). 7 mates diferentes.

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 39



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Aparar; competir. 2 — Círcos; raspa. 3 — Irónico; relativos à moral. 4 — Animal doméstico; parte do chapéu; composição poética. 5 — Galanteio; promosse pessoal. 6 — Bebedeira (prov.); partes da unidade. 7 — Siga; amar. 8 — Altar; oviário dos peixes; parida. 9 — Aponta; actuar. 10 — Alqueive; mansa. 11 — Emblemas; juntas.

VERTICAIS: 1 — Devora; vara dos veículos de carga. 2 — Seguir; muro. 3 — Rapariga; semelhante. 4 — Espaço de tempo; renque; promosse pessoal. 5 — Batriquo; apreciador. 6 — Gordura; crises ovos. 7 — Pesara; existes. 8 — Lá; oviário dos peixes; roda. 9 — Ponta; principio. 10 — Emigrações; nome de mulher. 11 — Níveis; faces.

Atenção — Os dicionários adoptados para a confecção deste problema foram: Ferreira, Roquete (sinónimos) e Augusto Moreno.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 38

HORIZONTAIS: 1 — Baroscópios. 2 — As; brada; mu. 3 — Sô; li. 4 — Igua; ofrot. 5 — Gê; ab; só; re. 6 — Le; lusted; in. 7 — Om; mu; fa; ot. 8 — Saval; emana. 9 — Ap; od. 10 — Lá; animal; ma. 11 — Alcecararam.

VERTICAIS: 1 — Barilglossia. 2 — Ac; gema; al. 3 — Sô; vâ. 4 — Oboss; macap. 5 — Sr; ab; U; me. 6 — Cê; abrigos; ir. 7 — Od; or; fé; ac. 8 — Pálio; amora. 9 — Ir; ad. 10 — Om; orniol; má. 11 — Sustentaram.

## PALAVRAS TROPOLÓGICAS

PROBLEMA N.º 2

Por Esaj Rapang (Covilhã)



ENUNCIADO

1 — Goma árabea — Pedaco de leite quebrada. 2 — Aplica unto — Parte gorda do leite. 3 — Numeral cardina — Cada um dos volumes de uma obra. 4 — Vigia pelo interesses de alguém — Rei dos animais. 5 — Dádivas — Novos. 6 — Série de coisas infiltra — Situação.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

M	N	A	D	N	A	D	E
A	P	D	O	P	E	P	O
R	P	D	A	P	O	P	A
Q	U	E	P	O	P	O	O
U	P	O	P	O	P	O	N
E	C	A	P	O	P	O	A
S	T	O	C	O	P	O	E

## CHARADAS

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 27/9/45

- 1) Carnudo-cardo. 2) Carniño-cárneo. 3) Carepa-capa. 4) Cantata-canta. 5) Carolo-calo. 6) Cóllico-cóco.

## PASSATEMPO

PRESTIDIGITAÇÃO

Vamos hoje ensinar aos nossos leitores como podem adivinhar, de uma só vez, cinco (5) cartas pensadas por cinco pessoas diferentes.

Baralhemos as cartas. Uma pessoa toma cinco cartas, fixando uma. Outras quatro pessoas toam sucessivamente as cinco montes, recordando a ordem (por exemplo da esquerda para a direita), e guardam-na na mão esquerda. De seguida, vai pondo-as sobre a mesa de naipes para cima, na primeira fila as cinco primeiras, e debaixo, as outras cinco, e assim todas.

Exemplo:

1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25

Depois, interroga uma pessoa, cuja ordem se recorda, perguntando-lhe em que coluna está a sua carta. Se é o terceiro que entrou, o seu monie, a sua carta será a terceira da coluna assinalada, começando por cima. Com as outras pessoas repete-se a operação e adivinha-se as 4 cartas.

Rate interessante strucs foi inventado por Raynal, que sempre o fez com limpeza absoluta. Agora vejamos que fazem os nossos leitores amigos...

ANAGRAMAS

Com as letras a seguir designadas formar:

- 1) Uma cidade espanhola: CAPELINA
- 2) Uma vila portuguesa: DEMORAI
- 3) Uma vila de Portugal: CAÇA BOLA
- 4) Povoação portuguesa: SEU ROL

Nota — Por erro tipográfico saíram trocados os anagramas publicados em 27/9/945, motivo por que os inserimos novo.

3 PREGUNTAS

- 1) Quem inventou a locomotiva?
- 2) Quem inventou o automóvel?
- 3) Quem inventou o cinema?

SOLUÇÃO DAS PREGUNTAS FEITAS EM 27/9/45

- 1) Laval. 2) Praga.



Johann Bichlmeier

Soldat der 7 Komp  
zines Infanterie Regts  
geb 28.6.1910  
gef. 17.8.1941  
in Russland  
am Dniepr.

R. I. P.

AS CRIANÇAS ALEMÃS,  
VITIMAS DA ALEMANHA,  
TAMBÉM SOFRERAM  
COM A GUERRA!